

CENTRO DE ENSINO INTEGRAL PARA XANXERÊ - SC

Marília Lazarotto

Aleteonir José Tomasoni Júnior

Natália Fazalo

Resumo

O objetivo deste artigo consiste em entender melhor a questão da educação no Brasil, as principais carências e necessidades do espaço físico das escolas, e a melhor maneira de aprimorar a estrutura física de ensino utilizada nas instituições atuais, para que se torne possível à implantação de pedagogias de educação integral e para que seja plausível a realização de um anteprojeto para este fim no município de Xanxerê. Para isso, foi necessária uma ampla pesquisa na área da educação e do ensino brasileiro, tanto no âmbito federal, como estadual e municipal, além do estudo de outras instituições semelhantes ao modelo pesquisado, suas estruturas físicas e pedagógicas. Tudo realizado através de pesquisas bibliográficas ou visitas in loco. Como resultado, foi possível ampliar os conhecimentos em relação à educação e visualizar suas principais necessidades, com métodos de melhorias aplicáveis às escolas no geral. Além disso, se tornou possível a elaboração de um anteprojeto de uma instituição de ensino integral, que abordasse todos os aspectos necessários a uma educação de qualidade.

1 INTRODUÇÃO

A educação é um assunto extremamente abrangente, afinal, engloba tudo aquilo que aprendemos no decorrer de nossas vidas, seja de maneira formal ou informal. Atualmente, a educação formal passou a atingir todas as classes sociais, de instituições públicas a privadas, cada qual com seus métodos de ensino, mas ambas com o objetivo incomum de formar indivíduos cidadãos. E para isso, além de um bom programa pedagógico, é fundamental que existam ambientes escolares capazes de suprir a demanda educacional e social dos estudantes.

Assim, o tema escolhido tem como objetivo levantar informações sobre os espaços escolares e sua influência na formação dos alunos, abordando aspectos como o conforto ambiental, os equipamentos e ambientes necessários às atividades propostas, a segurança, a acessibilidade, entre outros. Permitindo a realização de um anteprojeto de uma escola de qualidade para o município de Xanxerê.

Para isso, foram utilizadas metodologias como pesquisas bibliográficas em livros, revistas, normas e materiais fornecidos pelo Ministério da Educação, além de conversas com profissionais da área e visitas in loco em instituições de ensino.

Como resultado, foi possível ampliar os conhecimentos em relação à educação e visualizar suas principais necessidades, considerando que, para que se tenha uma educação de qualidade não bastam apenas bons livros, bons métodos e bons professores, é essencial que exista uma estrutura física apropriada às necessidades dos docentes, funcionários e alunos. Além disso, se tornou possível a elaboração de um anteprojeto de uma instituição de

ensino integral, que abordasse todos os aspectos necessários a uma educação de qualidade.

Para apresentar os dados estudados a estrutura deste artigo contará com uma fundamentação teórica, apresentação dos procedimentos metodológicos, a análise dos resultados obtidos e considerações finais.

2 DESENVOLVIMENTO

Os estudos realizados por outros autores sobre a educação e sua evolução no tempo demonstram que existem inúmeros métodos de ensino e concepções pedagógicas no Brasil e no mundo, e todos devem ser levados em consideração para avaliar qual o projeto arquitetônico mais adequado para gerar condições favoráveis de aprendizado ao aluno.

Existem diversos documentos que podem ser utilizados como referência para projetos de ambientes e mobiliários escolares, entre eles o livro “A arte de projetar em arquitetura” de Ernst Neufert, as NBRs 14000, 14007, 9050 e 10151, as cartilhas elaboradas pelo Fundo de Fortalecimento da Escola (Fundescola-MEC) e o livro “Arquitetura escolar, o projeto do ambiente de ensino” de Doris Kowaltowski, que foi escolhido como principal referência para a elaboração deste artigo, visto que leva em consideração todos os documentos citados acima e tantos outros da área em questão.

2.1 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

No Brasil, a chegada dos colonizadores Portugueses, em 1500, trouxe consigo um padrão de educação europeu. No entanto, os povos (indígenas)

que já habitavam o país possuíam suas próprias características educacionais, ocasionando uma significativa mistura de raças e costumes.

Então, em torno de 1549, os jesuítas chegaram ao Brasil para catequizar os índios e ensinar a eles seus costumes e práticas de trabalho, com o objetivo de escravizá-los. Para isso foi edificada a 1ª Escola Elementar Brasileira e logo em seguida mais cinco unidades destas, e três colégios, espalhados em diversas localizações. Em 1808 houve a chegada da Família Real ao Brasil, e a preocupação em estabelecer modelos de ensino superior que atendessem esta elite, então Dom João VI abriu academias militares, escolas de medicina, museus, a Biblioteca Real, o Jardim Botânico e a Imprensa Régia. (PACHECO, 2010)

Até 1889 a educação brasileira passou por uma fase de tentativas falhas de instalação de escolas normais, para as séries iniciais. Somente em 1930, com a ascensão da indústria no Brasil e com a necessidade de mão de obra especializada é criado o Ministério da Educação e Saúde Pública. Em 1934 a nova constituição determina que a educação seja direito de todos e deve ser ofertada pelo Poder Público. E, em 1935, Anísio Spínola Teixeira cria a Universidade do Distrito Federal que oferecia a faculdade de educação.

Enfim, a educação Ocidental e seus estudiosos, influenciaram diretamente o ensino do Brasil. No entanto, existem grandes educadores brasileiros que foram extremamente relevantes para a pedagogia nacional, são eles: Anísio Teixeira, Paulo Freire e Darcy Ribeiro.

Anísio Teixeira foi aluno de John Dewey na América do Norte e introduziu seus conceitos pedagógicos no Brasil. Com apenas 24 anos dirigiu a Educação da Bahia, quando somente 9% da população em idade escolar frequentava a escola. Em 1930 dirigiu-se ao Distrito Federal para lutar pela função social da escola, criando um grupo de pedagogos que o ajudaram a

reconstruir a educação brasileira. Em 1946 surge a Escola Parque da Bahia, considerada uma das maiores experiências no ensino primário do século, além disso, Teixeira também é responsável pela criação da Escolinha de Arte do Brasil, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, da Sociedade Pestalozzi do Brasil e da Universidade do Distrito Federal e suas ideias foram à inspiração para a Lei de Diretrizes e Bases (LDB, 1996), importante instrumento para a melhoria do ensino no Brasil. (KOWALTOWSKI, 2011, p. 31).

Há também Darcy Ribeiro, que logo após se formar em Antropologia em 1946, dedicou seus primeiros estudos aos índios do Pantanal brasileiro, fundou o Museu do Índio e participou da criação do Parque Indígena do Xingu. Desenvolveu metas para a educação popular, defendendo a adoção do período integral, para retirar as crianças da marginalidade e do lixo. E nas universidades Ribeiro defendia a abertura de especializações que solucionassem os problemas brasileiros, além disso, participou da “Marcha a Década da Educação” que instituía a entrada obrigatória de alunos com sete anos de idade nas escolas. (KOWALTOWSKI, 2011, p. 34).

Já Paulo Freire foi um grande pedagogo, que criou o conceito de educação popular, como sendo tudo que se aprende informalmente, constituindo a educação feita com e para o povo e respeitando sua situação socioeconômica. Também, elaborou campanhas para não apenas alfabetizar, mas restaurar a dignidade e a cultura da população que ficou para trás no processo de desenvolvimento. Suas técnicas de alfabetização consistiam em cartazes, quadros ou fichas com palavras, elaborados pela comunidade, e que retratavam a realidade da mesma. (KOWALTOWSKI, 2011, p. 32).

Além disso, Paulo Freire defendia um modelo de educação construtivista, que busca no aluno a vontade de aprender por si só:

Ao propor uma prática de sala de aula que pudesse desenvolver a criticidade dos alunos, Freire condenava o ensino oferecido pela ampla maioria das escolas. [...] Nela, segundo Freire, o professor age como quem deposita conhecimento num aluno apenas receptivo, dócil. Em outras palavras, o saber é visto como uma doação dos que se julgam seus detentores. [...] "Sua tônica fundamentalmente reside em matar nos educandos a curiosidade, o espírito investigador, a criatividade", escreveu o educador. Ele dizia que, enquanto a escola conservadora procura acomodar os alunos ao mundo existente, a educação que defendia tinha a intenção de inquietá-los. (FERRARI, [201-], p. 2).

Segundo ele, o professor deve sim ser um transmissor de conteúdos, porém estes não devem ser considerados como verdades absolutas, e sim como informações que possibilitem a produção de novos conhecimentos pelos próprios alunos, através da sua curiosidade, com atividades e pesquisas. A sala de aula deve ser um ambiente que permita a liberdade de expressão de alunos e professores, de modo que os dois lados aprendam juntos.

Esta concepção de Paulo Freire foi a escolhida para nortear o desenvolvimento do anteprojeto arquitetônico a que este artigo se refere, além de ser o nome escolhido para intitular a instituição.

2.2 MÉTODOS DE ENSINO

São inúmeros os métodos de ensino existentes no mundo atual, estes são resultantes de anos de estudo e experimentos. Segundo Conheça... (201-) no Brasil, os métodos mais presentes nas escolas são: tradicional, construtivista, montessoriano e waldorf, cada qual com uma linha pedagógica específica.

A abordagem tradicional é a que mais predomina nas escolas do país, com tradição conteudista centrada no professor, que deve repassar seus conhecimentos ao aluno. Seu sistema de avaliação estabelece metas a serem cumpridas pelo estudante em determinados prazos e testa a quantidade de conteúdo absorvida pelo aluno através de avaliações

periódicas. Assim, aquele que não atingir a nota proposta ao longo do ano é reprovado, e precisa cumprir o ano letivo novamente. É comum a utilização de apostilas ou livros didáticos que determinam a quantidade de conteúdo que deve ser absorvida pelo aluno em cada etapa.

No método construtivista o trabalho em grupo é valorizado e o conhecimento é construído pelo próprio indivíduo, através de situações que estimulem o pensamento crítico e a solução de problemas. Esta abordagem defende o fato de que a criança tem uma inteligência lógica, que se desenvolve conforme ela evolui, portanto, a escola deve acompanhar as noções e mecanismos naturais de aprendizagem que surgem espontaneamente em cada fase da vida, propondo atividades que interessem o aluno naquele momento. No entanto, neste método também são aplicadas provas que implicam na reprovação do aluno. Os estudos que nortearam este tipo de abordagem foram os de Jean Piaget, o que fez com que as escolas que a utilizam sejam denominadas escolas piagetianas.

Já o montessoriano é baseado nas pesquisas de Maria Montessori, no qual a criança deve buscar seus conhecimentos escolhendo as atividades que deseja realizar, no entanto, deve receber o auxílio de adultos para que o trabalho seja ordenado e dificultado gradativamente, respeitando o ritmo de aprendizado de cada aluno. O principal meio utilizado neste método é a manipulação de objetos, jogos pedagógicos e o material dourado, também criado por Montessori, e que constitui um conjunto de cubos, placas e barras, que auxiliam principalmente no desenvolvimento das operações matemáticas.

Por fim, o método waldorf de Rudolf Steiner, procura equilibrar a aquisição dos conhecimentos teóricos, com o desenvolvimento de atividades artísticas. Os alunos são divididos por faixa etária e não por séries, um único professor permanece com os alunos durante toda uma etapa (os 9 anos do

ensino fundamental, por exemplo) e o currículo pedagógico do ensino fundamental envolve astronomia, meteorologia, trabalhos manuais (tricô, crochê e bordados), jardinagem e artes, além das matérias exigidas pela LDB, já no ensino médio há matérias de humanidade, ciências, artes e ofícios (tecelagem e encadernação), artes dramáticas, educação física e línguas estrangeiras. Os meios de avaliação consistem em execução de trabalhos, no empenho demonstrado em aprender e em testes e provas geralmente aplicadas apenas nos últimos anos do ensino fundamental e no ensino médio, sendo somente sobre algumas matérias. Assim, os pais recebem avaliações trimestrais que descrevem as atitudes de seus filhos perante as atividades solicitadas.

2.3 QUALIDADE DO ENSINO BRASILEIRO

Os principais meios de avaliar a qualidade do ensino em todos os níveis são o Ideb, o Enem e o Enade. Todos eles realizados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), autarquia federal que promove estudos, pesquisas e avaliações sobre o sistema educacional brasileiro, por meio de levantamentos estatísticos e avaliativos em todos os níveis e modalidades de ensino. (INEP, 2011)

Ao analisar os índices da educação básica do Censo Escolar de 2013 do Inep, pode-se constatar que nos últimos anos, no Brasil, o número de alunos cresceu, mas a adesão e a qualidade do ensino decaíram muito, principalmente nas séries finais do ensino fundamental e no ensino médio. Os motivos vão desde os baixos salários da maioria dos professores, que acabam desmotivados em sua tarefa de educar; aos conteúdos oferecidos, que geralmente são taxativos e não condizem com o dia-a-dia do aluno; e a

estrutura física precária encontrada, principalmente, nas escolas públicas, que desestimulam o aluno e o educador a permanecer no ambiente escolar.

É possível perceber, também, que em relação à educação básica, o ensino fundamental foi o que teve maior percentual de queda nas matrículas, sendo 2,1 %, o que corresponde a 633.217 alunos. Já o ensino médio apresentou queda de 0,8%, ou seja, 64.037 alunos. Além disso, o número de matriculados no ensino fundamental em relação ao total do ensino médio demonstra que este não está captando de forma eficaz os concluintes da etapa anterior. Portanto, segundo Brasil (2014), há espaço para a expansão desta etapa de ensino, principalmente através de estratégias de diversificação curricular e educação profissional em sincronia com a cultura local, tornando o ensino médio mais atrativo e oportunizando a qualificação para o trabalho e um caminho mais claro para o ensino superior.

2.4 A EDUCAÇÃO EM PERÍODO INTEGRAL

A escola de tempo integral se refere à extensão do tempo de permanência na escola, juntamente com a ampliação de oportunidades de conhecimento. Seu objetivo é articular os hábitos, valores e conhecimentos, com os conteúdos específicos de cada etapa. A proposta se mostra uma resposta à demanda crescente das famílias, que com o tempo mudaram radicalmente seu formato e organização, principalmente em relação ao trabalho.

A ideia de uma escola que permita ao aluno uma formação integral não é assunto novo no Brasil. Ela teve início em 1932, quando ocorreu o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova e continuidade na década de 50, com a criação das Escolas Parque na Bahia por Anísio Teixeira, no entanto, a

descontinuidade das políticas públicas vigentes fez com que a ideia fracassasse. (SANTOS, 2013).

Posteriormente, a Lei de Diretrizes e Bases em 1996 prevê o aumento progressivo da jornada escolar para o regime de tempo integral, e o Plano Nacional de Educação de 2001 tinha como uma das principais metas a ampliação da jornada de ensino.

No entanto, ao se pensar em ampliar o tempo de permanência do aluno na escola, é preciso organizar o mesmo. De acordo com Santos (2013):

O fato é que somente o tempo ampliado não garante qualidade de ensino. O grande desafio está em garantir a qualidade desse tempo. Não basta mais do mesmo: não podemos nos limitar a dar mais tempo da mesma escola. É preciso garantir uma visão diferenciada do "turno". O turno extra ou contra turno deve oferecer possibilidades para uma outra educação, emancipadora.

A educação em período integral ganhou força e maior número de adeptos a partir da criação do novo Plano Nacional de Educação em 2014 e, posteriormente, do Programa Mais Educação (PME) para o ensino fundamental e do Programa Ensino Médio Inovador (ProEMI) para o ensino médio. O novo Plano estabelece que até 2024 metade das escolas públicas brasileiras garantam o ensino em tempo integral, isto condiz com cerca de 75 mil escolas e o atendimento de 10 milhões de alunos. (MELO, 2014).

A proposta do governo é evitar que o aluno fique na escola apenas para não estar na rua, portanto a permanência do estudante deve ser de, no mínimo, 7 horas por dia na instituição, e as atividades realizadas no contra turno precisam ser diferenciadas, com práticas artísticas, esportivas, tecnológicas, ambientais, entre outras, e que tenham relação direta com os conteúdos aprendidos nas matérias básicas. Além disso, é preciso buscar atividades relacionadas ao dia-a-dia e a cultura local dos estudantes. Para

isso, os professores e funcionários das instituições devem passar por qualificações, já oferecidas pelo governo. Em Santa Catarina, a maioria das escolas que já adotaram o ensino em período integral estão se adaptando aos poucos, a maioria com atividades integrais em apenas três dias por semana. Além disso, as maiores dificuldades encontradas em sua implantação são: a insuficiência financeira devido ao atraso de repasses de verba por parte do Governo Federal, e a falta de estrutura própria para as atividades ofertadas. Problema este que pode ser identificado nas escolas públicas de todo o país.

De acordo com Magri (2014) Santa Catarina oferece ensino integral em 160 escolas de ensino médio e em 224 de ensino fundamental, representando 29% das escolas estaduais. Se consideradas também as escolas municipais, o estado já passou da meta do governo federal e atinge 52,7% das instituições.

O fato é que as políticas oferecidas pelo governo passam longe de uma verdadeira educação integral, quando acabam aumentando o tempo de uma parcela de alunos, geralmente com mais dificuldade de aprendizagem na escola, e oferecendo oficinas no contra turno. A verdadeira educação integral é diferente, exige professores e alunos todos os dias em tempo integral, com um novo planejamento pedagógico e um espaço escolar adequado para tal. (MAGRI, 2014).

2.5 ARQUITETURA ESCOLAR

A relação entre o ambiente construído e o comportamento humano, vem sendo estudada há muito tempo, afinal o espaço projetado pode trazer consigo as mais diversas sensações, seja de conforto, segurança, coletividade ou também desconforto, frieza e insegurança. O fato é que o modo como os ambientes em que convivemos são compostos influenciam diretamente o

nosso modo de vida. Estudos apontam que locais que empregam elementos construtivos e materiais específicos de sua cultura são capazes de desencadear uma relação de afeto entre ambiente e usuário, transformando-o em um espaço significativo e evitando até mesmo situações de depredação ou vandalismo, apesar destes comportamentos apresentarem outras causas muito mais complexas.

Ao se pensar no espaço escolar, deve ser levado em consideração o fato de que as pessoas que o frequentam passam, muitas vezes, mais tempo útil diário nele, do que em sua própria residência, principalmente em escolas integrais. Portanto, a relação entre os professores e os estudantes com o ambiente é extremamente direta e contínua. Kowaltowski (2011, p. 11) afirma que "o ambiente físico escolar é [...] o local do desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. O edifício escolar deve ser analisado como resultado da expressão cultural de uma comunidade, por refletir e expressar aspectos que vão além de sua materialidade".

Além disso, existe a relação de escala dos espaços. Um estudo feito por Barker e Gump (1964) constatou que ambientes escolares grandes (com mais de 500 alunos), mesmo com estruturas físicas extremamente funcionais, não produziam um ambiente mais rico em relação a escolas menores, que por sua vez se mostravam mais favoráveis à participação dos alunos nas atividades oferecidas. (KOWALTOWSKI, 2011, p. 43)

2.5.1 Parâmetros de infraestrutura

A infraestrutura de um ambiente de ensino deve vir de encontro com as necessidades e desejos dos usuários, a proposta pedagógica, a faixa etária pretendida e as características do ambiente em que será inserida. É possível

perceber, atualmente, uma busca incansável por ambientes mais humanizados, acessíveis, seguros e sustentáveis.

Os projetos de instituições de ensino e a disposição de seus ambientes vêm sendo estudados há muito tempo, mas ainda não se chegou a um acordo em relação às salas de aula ideais, por exemplo. Em relação ao que vimos no cenário atual brasileiro, a maioria das escolas apresenta plantas tradicionais, com salas de aulas enfileiradas e corredores centrais ou laterais, com apenas algumas variações de mobiliário. Esta configuração é muito criticada, pois se argumenta que desmotiva os alunos e valoriza a autoridade apenas do professor, além de prejudicar o relacionamento entre colegas.

Segundo Kowaltowski (2011, p. 160) diversas outras maneiras de dispor as salas são estudadas, geralmente com a participação de professores, pais e alunos, com propostas que comportem a realização de atividades variadas simultaneamente, e as que ganharam mais atenção são as que possuem formatos em L ou em Z, justamente por permitirem que isto aconteça.

2.5.2 A humanização do ambiente de ensino

Kowaltowski (2011, p. 164) afirma que “uma das tendências discutidas em relação ao projeto escolar e à arquitetura é a humanização, ligada à ideia de propiciar felicidade ao homem pela experiência espacial de qualidade”. Para tanto, os estudiosos que prezam por esta humanização renegam o modernismo, o construtivismo, a monumentalidade e as caixas de concreto, aço e vidro, defendendo algo semelhante à arquitetura vernacular.

A humanização do ambiente consiste em lhe atribuir características pessoais e está diretamente ligada à participação do usuário no espaço escolar, que decorre principalmente da forma como este é organizado.

Quando um ambiente tem seus elementos dispostos de forma rígida, mesmo que não fixa, os usuários acabam por se sentir desestimulados a interagir com o mesmo. Isso ocorre principalmente nas salas de aula comuns, onde as cadeiras e carteiras são enfileiras sempre do mesmo modo.

A arquitetura humanizada teria qualidades que enfatizariam a necessidade humana, com edifícios de pequeno porte, muita vegetação, variações e ordem espacial, possibilidade de manipulação pelos usuários, harmonia de cores e ornamentação, uso de materiais menos duros, desgaste lento, com manutenção e cuidados adequados. [...] Em espaços de uso coletivo, como é o caso das escolas, esses padrões podem criar uma imagem do edifício associado à cultura local e aos moradores do entorno. (KOWALTOWSKI, 2011, p. 166)

A vegetação é um elemento muito forte quando se fala em humanização, pois além da satisfação visual é capaz de transmitir a sensação de um ambiente saudável. Também há a questão do pequeno porte das construções, que considera a figura humana como o limite da medida, permitindo melhor interação com a natureza e o meio para suprir as necessidades humanas. Além disso, edifícios baixos possuem melhor fator de locomoção e acessibilidade e permitem uma melhor interação social.

2.5.3 Desempenho e conforto ambiental

O desempenho e o conforto do ambiente de ensino estão diretamente ligados à satisfação dos usuários e desenvolvem papel primordial na produtividade dos alunos. Logo, é importante que se estude as maneiras ideais de transmitir este conforto ao estudante, e isso é feito, geralmente, através de Avaliações Pós-Ocupação (APOs) realizadas em escolas, onde se observam as reações humanas em relação ao ambiente construído, afinal, nem todos os problemas são solucionados através de normas, e devem ser

estudados através destas avaliações para que se evite a repetição de erros nas construções. Segundo Kowaltowski (2011, p. 113), por exemplo, observou-se que em salas de aula com mais iluminação natural os alunos se saíam 20% mais eficientes do que apenas com a artificial.

Para que o desempenho escolar seja satisfatório é necessário pensar em fatores socioeconômicos, metodológicos, pedagógicos, educacionais e ambientais. Já, para que o conforto ambiental seja alcançado, é preciso prever os aspectos visuais, térmicos, acústicos e funcionais para o projeto, além disso, é fundamental possibilitar a interferência dos usuários no nível de conforto do ambiente. Em escolas brasileiras existe uma grande insatisfação neste sentido, pois são utilizados mecanismos de aberturas das janelas fora do alcance dos usuários, ou até mesmo climatização centralizada, que não permite a alteração dos níveis de conforto por parte dos professores e alunos. Com relação a isso, Kowaltowski (2011, p.121) cita que:

Pela evolução histórica da educação fundamental e do ensino médio, nota-se que a preocupação principal é o atendimento quantitativo da demanda. Assim, o projeto pedagógico da escola e as necessidades da comunidade escolar em geral não ocupam lugar de destaque na configuração dos ambientes escolares.

Portanto, para que se tenha uma educação de qualidade no Brasil, é preciso reverter este quadro, e além de prever o atendimento a demanda de alunos, priorizar um projeto que os faça gostar da escola, se sentirem confortáveis nela e, conseqüentemente, aprenderem mais.

2.6 ESTUDOS DE CASO

Para que o tema proposto possa ser entendido de maneira mais clara, é muito importante a prática de estudos de caso de projetos semelhantes ao

pretendido. Através deles é possível realizar uma análise funcional de situações reais, e visualizar ocorrências que podem ser utilizadas como referências, tanto boas quanto ruins. Neste sentido, foram realizados dois estudos de caso por meio de pesquisas e um *in loco*, onde foi possível vivenciar algumas situações que nortearam a efetivação do programa de necessidades inicial.

Por meio de pesquisas foram estudadas a Escola SESC de Ensino Médio e a Escola St. Nicholas, ambas com projetos arrojados e que servem de modelo para uma educação de qualidade. A primeira delas permite ao aluno “morar” na instituição, deste modo, o projeto concilia o ambiente educacional com o de convivência, em um só espaço, onde alunos e professores se sentem realmente em casa, com belos jardins, lagos, ciclovias, praças, além de ambientes de estudo que se integram com a parte exterior. Oferecendo ambientes de alto padrão para estudantes de baixa renda. Já a segunda instituição atua com estudantes de alto padrão financeiro e de todas as idades e possui volumes que definem a separação de cada faixa etária no terreno. O que estas duas instituições possuem em comum são, principalmente, uma maior credibilidade ao pensar na questão da sustentabilidade, com sistemas coletores de esgoto e águas pluviais, o telhado verde e brises, por exemplo.

Já o estudo “*in loco*” ocorreu em uma escola privada próxima ao Município de Xanxerê, que atende a todas as faixa etárias e possui uma estrutura visivelmente privilegiada em relação às outras escolas da região. Sua estrutura inicial gira em torno do pátio central, que ao seu redor abriga a grande maioria dos espaços principais da instituição e realiza o fluxo de todos eles. Esta forma privilegia a iluminação e a ventilação natural presente em quase todos os espaços, fator que é de extrema importância para a qualidade do ensino. Além disso, os mobiliários utilizados (carteiras, cadeiras,

armários, pias dos sanitários, entre outros) possuem dimensões compatíveis com cada faixa etária que os utiliza. Enfim, a análise “in loco” da estrutura em questão, se mostrou muito importante para o desenvolvimento do programa de necessidades e para a elaboração do anteprojeto da instituição de ensino integral resultante deste estudo.

2.7 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo possui caráter exploratório-descritivo e o método utilizado é o qualitativo, visando à realização de um anteprojeto mais eficiente relacionado ao tema pesquisado.

A coleta de dados foi realizada por meio de pesquisas bibliográficas e documentais, pesquisas a campo e estudos de caso, sendo os dados analisados de maneira seletiva em relação ao melhor modelo pedagógico, a faixa etária e as atividades previstas para a instituição a ser projetada.

2.8 ANÁLISE DOS RESULTADOS

2.8.1 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A presente pesquisa foi de extrema importância para o entendimento e a ampliação dos conhecimentos sobre a situação atual da educação brasileira. Através dela, foi possível constatar que no Brasil a qualidade do ensino deixa a desejar, principalmente na fase final do ensino fundamental e no ensino médio, onde estão os maiores índices de desistência e reprovação. Isso pode ser visualizado na maioria das cidades brasileiras, inclusive em Xanxerê, portanto, estas fases carecem de investimentos e de melhorias em sua infraestrutura.

Em relação ao ensino integral, que está sendo implantado pelo governo federal nas escolas públicas, pôde-se observar que sua procura cresce gradativamente, principalmente por parte dos pais, que preferem que o filho permaneça na escola durante o dia todo. Porém, quando o aluno fica o dia inteiro em uma instituição, esta deve possuir infraestrutura para oferecer atividades diferenciadas durante este período, o que atualmente não ocorre.

Além disso, no decorrer da pesquisa foi possível observar o quão importante é o ambiente físico escolar para o desenvolvimento e aprendizado dos estudantes. A questão dos aspectos de conforto térmico e acústico, bem como de funcionalidade e de fluxos do local, que devem ser sempre muito bem pensados, pois influenciam diretamente a qualidade do ensino. E também, o fato de que é imprescindível que as escolas sejam planejadas em espaços mais amplos, que permitam a arborização, a adição de pátios abertos e de áreas externas estruturadas para a realização de atividades variadas, além das salas de aula.

Estes resultados justificam a intenção de criar uma estrutura escolar mais adequada e própria para o ensino integral em Xanxerê, com objetivo de proporcionar novos aprendizados e qualificações aos estudantes, que poderão desenvolver diferentes atividades técnicas, artísticas ou esportivas. Além disso, Xanxerê atualmente atende não só os seus alunos, mas os de muitos municípios vizinhos, e não possui nenhuma instituição adequada a educação em período integral.

Todos os dados obtidos nesta pesquisa são evidentes e inquestionáveis, pois tudo isso vem sendo estudado há muito tempo, no entanto, não se aplica a maioria das escolas brasileiras e este fato precisa ser revertido para que se cogite uma educação de maior qualidade, tanto no Município de Xanxerê, como em todo o país.

3 CONCLUSÃO

O objetivo deste artigo previa entender melhor a questão da educação no Brasil, as principais carências e necessidades do espaço físico das escolas, e a melhor maneira de aprimorar a estrutura física de ensino utilizada nas instituições atuais, para que se tornasse possível à implantação de pedagogias de educação integral e para que fosse plausível a realização de um anteprojeto para este fim no município de Xanxerê, tal objetivo foi alcançado com êxito, deixando claro o fato da qualidade da educação ser diretamente influenciada pelo ambiente de ensino.

Uma das principais contribuições deste estudo foi à questão da humanização do ambiente educacional, questão que vem ganhando cada vez mais ênfase na área, visto que o aluno passa muito tempo de sua vida na escola e atualmente o conforto é algo que deixa a desejar nas estruturas já existentes.

Não foi constatada nenhuma limitação para que os procedimentos metodológicos fossem realizados, pois as bibliografias ofertadas e o acesso a informações referentes à área estudada são muito vastos e podem ser encontrados com facilidade, tanto que, foi preciso selecionar alguns aspectos principais a serem abordados.

Enfim, a elaboração deste artigo contribuiu de forma realmente significativa para a criação de um anteprojeto de qualidade, que pode ser visualizado nos Apêndices deste artigo, no entanto, a extensa bibliografia encontrada não permitiu, no momento, o enfoque necessário para abordagens específicas, tais como: equipamentos, mobiliários e espaços de laboratórios, salas de professores, setor de alimentação, entre outros, que poderiam ser o foco de estudos futuros para o aprimoramento do tema pesquisado.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação/Inep. **Censo Escolar da Educação Básica 2013: resumo técnico**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2014. 39 p. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/resumos_tecnicos/resumo_tecnico_censo_educacao_basica_2013.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2015.

CONHEÇA os métodos de ensino das escolas brasileiras. CAPESESP. Rio de Janeiro.

Disponível em: <<http://www.capesesp.com.br/conheca-os-metodos-de-ensino-das-escolas>>. Acesso em: 07 jun. 2015.

FERRARI, Márcio. Paulo Freire, o mentor da educação para a consciência.

Revista Nova Escola. São Paulo.[201-]. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/mentor-educacao-consciencia-423220.shtml?page=0>>. Acesso em: 01 out. 2015.

INEP. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira**. Brasília, 2011. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/>>. Acesso em: 5 jun. 2015.

JARETA, Gabriel. Mais tempo para quê? **Revista Educação**. São Paulo, ed. 156, abr. 2010. Disponível em <<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/156/mais-tempo-para-que-2347461.asp>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

KOWALTOWSKI, Doris C. C. K. **Arquitetura Escolar: o projeto do ambiente de ensino**. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

MAGRI, Keli. **Aplicação do ensino integral em Santa Catarina passa por grandes desafios**. RicMais. 2014. Disponível em: <<http://ricmais.com.br/sc/eleicoes2014/noticias/aplicacao-do-ensino-integral-em-santa-catarina-passa-por-grandes-desafios/>>. Acesso em: 9 jun. 2015.

MELO, Itamar. **Com o novo PNE, Brasil aposta na escola de tempo integral**. Porto Alegre: Zero Hora. 2014. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/noticia/2014/07/com-o-novo-pne-brasil-aposta-na-escola-de-tempo-integral-4554586.html>>. Acesso em: 9 jun. 2015.

PACHECO, Reinaldo. **História da educação: uma breve análise**. 2010. Disponível em: < <http://www.webartigos.com/artigos/historia-da-educacao-uma-breve-analise/54284/>>. Acesso em: 31 maio 2015.

SANTOS, Juliana de Paula Guedes de Melo. **A escola de tempo integral no Brasil: histórico, reflexões e perspectivas**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, 2013. 7 p. Disponível em: < http://www.ced.pucsp.br/encontro_pesquisadores_2013/downloads/anais_encontro_2013/poster/juliana_paula_guedes_melo_santos.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2015.

Sobre o(s) autor(es)

Arquiteta e Urbanista formada pela Unoesc (2016) marylazarotto@yahoo.com.br

Professor dos cursos de Design, Arquitetura e Urbanismo Unoesc Xanxerê aletomouse@unoesc.com

Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo Unoesc Xanxerê natalia.fazolo@unoesc.edu.br

Fachada Frontal



Fonte: O Autor

Vista nordeste – Campo de futebol



Fonte: O Autor

Vista noroeste – Salas de aula



Fonte: O Autor

Pátio descoberto - pomar / Acesso alunos



Fonte: O Autor



Sala de aula / Pátio coberto



Fonte: O Autor

